

estado da província de Auvergne”; “Notas Individuais” — pequenas biografias dos homens que aparecem como correspondentes; Índice de pessoas citadas, Índice de lugares e Índice de matéria.

A importância dessa obra para o estudo da França moderna é clara, e pelo cuidado e erudição um exemplo de trabalho, devendo fazer parte obrigatoriamente da estante do professor de história moderna.

Como afirma o editor da obra, com o desenvolvimento das ciências sociais e da ciência histórica há necessidade de retomar os estudos sobre revoluções e movimentos na Europa, nos séculos XVI, XVII e XVIII. Esperamos para breve o estudo prometido sobre as estruturas sociais, mentais e institucionais e das revoluções da França moderna.

RAQUEL GLEZER

\*

\* \* \*

SEMEDEI (Manuela). — *Les États-Unis et la Révolution Cubaine*. Paris. Armand Colin. 1968. 208 páginas.

O presente estudo, que analisa a evolução da política americana em relação a Cuba até 1964, reexamina as diversas interpretações propostas desde 1959, a luz dos últimos trabalhos publicados sobre a questão, relata as informações recolhidas pela Autora durante uma pesquisa nos Estados Unidos junto a personalidades cubanas e americanas.

Após a história da “primeira” revolução cubana, em 1933, a Autora trata das relações entre os Estados Unidos e Cuba, desde a tomada do poder por Fidel Castro até os primeiros meses da administração Johnson, por ocasião de crises como aquelas de abril de 1961 ou de outubro de 1962.

Os Estados Unidos lançaram Fidel Castro no campo soviético, como pretende C. Wright Mills, ou Castro estava desde o início decidido a romper com os Estados Unidos a fim de manter-se no poder, como acredita Theodore Draper? Entre essas duas interpretações esta obra propõe uma terceira: os Estados Unidos não podiam sustentar a revolução que Fidel Castro tinha resolvido a levar a cabo para assegurar a Cuba a independência que até então ela não obtivera. Dos dois lados o peso da história e as estruturas sociais tornavam a ruptura quase inevitável.

A Autora insiste sobre a influência exercida pelos diferentes grupos — exilados, homens de negócios, jornalistas, membros do Congresso —, sobre a política americana em relação a Cuba e traz algumas precisões, até agora inéditas, notadamente sobre a Bahia dos Porcos e a evolução do pensamento do presidente Kennedy sobre o problema cubano nos últimos meses do seu mandato.

E. S. P.